

A greve dos cocheiros

5 DE JUNHO



Unicos meios de conducção para os habituaes passeios nos arredores : *Burros do 'Póço do Boratém e — pau e corda.*



Os cocheiros de praça, fizeram todos, pela primeira vez, a Avenida... a pé.

As alimarias saborearam refrescos.
As carruagens foram para o prégo.

Tudo a pé — Os cocheiros foram *os patrões*

João Martins

(FALLECIDO A 29 DE MAIO DE 1890)



Eis um tendeiro heroico, e um homem de bem, raro e precioso. Obrigado a sustar, d'uma occasião, os pagamentos da sua casa, reuniu os credores e entregou-lhes tudo; e mettendo-se na tenda, tanto trabalhou, que em pouco tempo conseguia embolsal-os por completo, não só dos seus debitos, mas tambem dos juros, relativos ao tempo em que esses debitos haviam estado por saldar. Esta probidade rara lhe valeu d'alguns negociantes, seus collegas, o epitheto nitido de tolo. Entanto ella ficará a abroquellar o nome do austero homem, para todo o sempre, n'uma lenda de respeito e de affeição.

Phillantropia á custa dos outros

Espavoriu-se a opinião com a falcatura dos QUARENTA CONTOS — de que os jornaes andam agora a explorar o escandalo *noticioso* — e ao espavorir-se, ella mesma esqueceu, ou fingiu que se esquecia, d'uma coisa — que essa falcatura é, em exagerado, a versão dos desgovernos que todos os dias sangram, a beneficio d'uns certos, as tristes arcas do erario portuguez.

Recapitemos o episodio em quatro linhas; e os leitores guarnecer-o-hão com pormenores colhidos n'outras folhas, caso succeda esquecermo-n'os d'algum, que falta faça. Em começos de janeiro, o sr. conde Burnay, proprietario do *Jornal do Commercio*, vendo o jornal decair, recorreu, como é seu costume, ao reclame em largo, abrindo uma subscrição publica, na rua do Belfer, com os seguintes dois fins: resgatar as roupas da população pobre da cidade, aquella hora atacada d'*influenza*; e rehavere, por via do sentimentalismo nacional, para o cadastro d'assignantes da sua folha, uma massa de leitores certa e abundante. A 12 de janeiro, estando a subscrição em 7 contos, o sr. conde abriu, sob as arcadas do Terreiro do Paço, os seus escriptorios de beneficencia, e tendo gasto o dinheiro, houve que sollicitar do governo, auxilios monetarios, visto como, quotidianamente as cautellas de prego choviam, nos baldões do inolvidavel phillantropo. O sr. José Luciano, presidente de conselho, auctorizou então o sr. conde Burnay a saccar sobre o thezouro, as quantias de que houvesse mister, não precisando limite aos saques, nem os precedendo tão pouco, das formulas documentaes com que toda a pessoa sisuda deve cautionar os movimentos de dinheiro — que lhe não pertença.

Cahido do governo um José Luciano, veio outro; e como estes cavalheiros são solidarios no zelo com que nos desfalcam, aconteceu confirmar o segundo, a doação que o primeiro já tinha feito. E' claro que o sr. conde Burnay, como todo o empresario de comedia que encontra capitalista tolo, *desempenhou á farta as roupas do povo*, e com magnificencia tal, que deixou empenhados em 40 contos de réis, os dinheiros... do mesmo povo. Os leitores não-de lembrar-se ainda dos episodios sentimentaes de toda essa beneficencia theatral do sr. conde. Todas as tardes, vinham romarias de centos, com cautellas de prego nos chapéus, rebater a sua miseria por uns cobres, que uma vez recebidos, desapareciam em charutos e pandeigas nas hortas, ao som de galhofas, onde não raro soavam epithetos de mofu aos bemfeitores *du pauvre monde*. O arraial que esta tropa fazia, no Terreiro do Paço, era festivo por fórma a não iludir ninguém quanto á especie de *necessidades* que o sr. conde esmolava (pelo menos, os jornaes diziam que era s. ex.^a quem os esmolava) e por outro lado, dava ideias muito pallidas a respeito do aggravamento de pobreza, que a *influenza* trouxera á capital.

Tambem os leitores se recordam de que estas coisas decorriam nos primeiros mezes do reinado do sr. D. Carlos, dias depois da esfervecencia republicana do *ultimatum*, quando toda a gente gritava nas ruas de Lisboa, *viva a republica!* e começava a ser rainha uma senhora, ainda sem lenda piedosa, e successora d'outra, que durante 28 annos fizera da caridade a sua

grande aia. A ponto estas angustias da plebe *impressionaram* pois a misericordia do throno, que uma tarde, a propria soberana desceu do seu palacio, a verificar por seus proprios olhos, o horroroso espectáculo da fome publica, que o sr. conde Burnay *lhe preparara*, como se prepara nas tapada o veado a que os reis caçadores hão de atirar; venho a dizer, ensaiando-o. S. M. chegou ao Terreiro do Paço, viu tudo, e endolorida por tão pungente espectáculo (informam as *Novidades*) como não trouxesse dinheiro a—vondo, alli mesmo, á vista do povo, se despojou, como Santa Izabel, das suas joias—nunca se poudé explicar bem, este espontaneo movimento — pois estando a corte de nojo, não era presumivel que S. M. levasse joias... senão nas algibeiras.



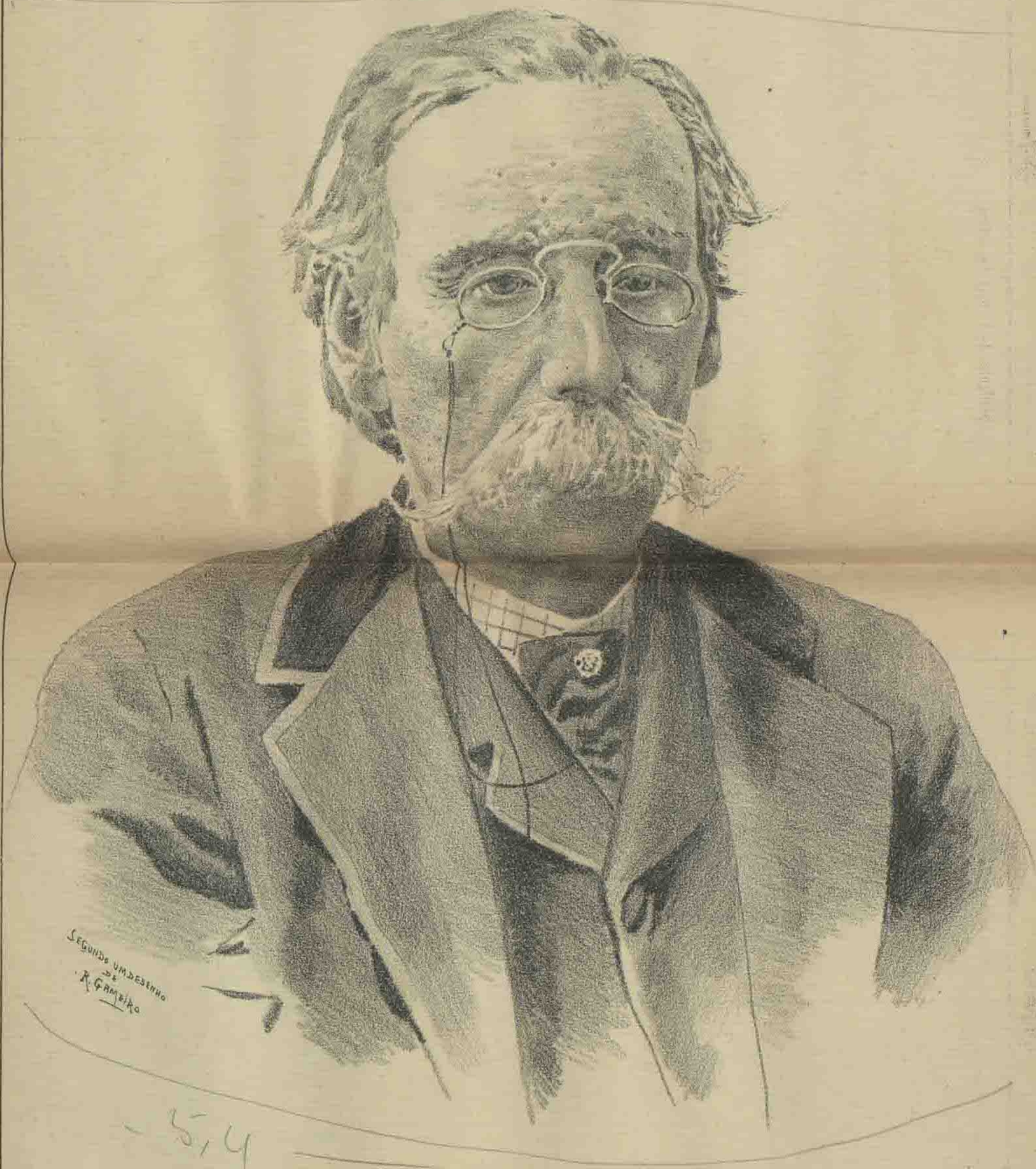
Tiremos agora da narrativa, o facto positivo. Dois presidentes de conselho deram carta branca a um procurador, para este gastar como entendesse, o dinheiro que lhe aprouvesse, no sanamento d'uma crise de miseria problematica, forjada paralelamente a um movimento de repulsa anti-dynastica. O procurador, um simples particular, desempenhou não só roupas de pobres, como tambem mobílias e joias de ricos ou de remediados; saccou sobre o thezouro o dinheiro que muito bem quiz; e este facto figura publicamente no orçamento rectificado, com um descaramento, que pelo insolito, quasi que chega a provocar veneração. Provavelmente, os que estas coisas censurarem, em termos vivos, irão presos; mas compensando, terão o prazer de vêr á solta, os cavalheiros que os praticaram. Eis sibi uma das applicações *praticas* da lei das rolhas! O sr. Emydio Navarro continue a afirmar que ella antes protege, do que amordaça, a liberdade. Mas escusa dizer que liberdade é: já sabemos que não pôde ser outra, senão as do sr. Antonio de Serpa, e José Luciano de Castro. Porque a verdade é esta: se á lei d'imprensa fizesse *pendant* uma lei de responsabilidade para os servidores do Estado, o autoado amanhã não era o sr. Alves Correia, por desmandos de palavra; eram os srs. presidentes do conselho—por descaminho de fundos publicos. Mas é excellente, o systema! Aconselhamol-o a todos os especuladores das praças e das ruas, a todos os dentistas sem publico, e a todos os boticarios sem clientella. D'aquí amanhã, vem ao sr. Antonio de Serpa, um intrujão qualquer.

— Acabo de inventar umas pilulas purgantes, de que trago a V. Ex.^a o prospecto (e aqui, entregá-lhe-ha o *Bezerro*, do Santa Rita). — Ora as minhas pilulas não se vendem, e ao mesmo tempo, V. Ex.^a reconhece comigo, que todos os males sociaes provem de se trazer a tripa pouco limpa. Provém ou não provém?

E o sr. Serpa, declarando de reconhecida utilidade publica, o diarrheico preparado, dirá ao pantomineiro — saque!

Camillo Castello Branco

(MORTO NA SUA CASA DE S. MIGUEL DE SEIDE, EM 1 DE JUNHO DE 1890)



Camillo era o unico escriptor verdadeiramente grande, do Portugal de nossos dias, e em meio da anemia geral, a sua figura sahia, como a d'um colosso sardonico, amesquinhando todos os que se lhe approximavam. Referem os jornaes, que á chegada do seu cadaver, ao Porto, não havia na gare senão os *reporters* de dois ou tres jornaes, a recebel-o. Registra-se uma semelhante infamia, sem protesto, pois compensando-a, sabe o Porto, quando quer, estadear prestitos de pompa, e fazer salvar as fortalezas, se acaso lhe penetra os muros algum genio mais da sua... comprehensão.

Oh Barnhuns de todas as classes e de todas as castas, vá de sangrar a esmo as veias do thesouro ! O ministerio da fazenda lá está aberto, e os rectificadores do orçamento lá estão prestes. E' saccar á vontade, amigos, que não foi para outra coisa que o sr. Franco Castello Branco augmentou os impostos. Cada dia de parlamento que passa, uma apanhadella nova, vem desfalcar os nossos minguados recursos. Antes de hontem, foi a *outra metade*, hontem o caso dos 40 contos ; a missão Borjona em seguida ; e agora as obras do castello d'Outão, accumulado de 'cazebres, d'onde as Obras Publicas farão sahir um palacio de verão para o monarcha.

E estes saques não findam, — O que ha-de ser ! O povo não quer ! — tantos e tamanhos, que já ninguém chama aos consentidores e aos saccadores, senão sa...christas.

IRKAN.

Paulo Plantier, editou o DICIONARIO MANUAL ETYMOLOGICO DA LINGUA PORTUGUEZA, por Adolpho Coelho, uma das obras mais uteis, mais eruditas e mais sérias, que entre nós tem saído a lume, no presente anno. O *Diccionario Manual Etymologico*, sobre ser um livro util em todas as bancas d'estudo e de trabalho, condensa o resultado de muitos annos d'estudo, durante os quaes o sr. Adolpho Coelho foi pacientemente accumulando, os materiaes que ora apparecem coordenados. Nunca se agradecerá pois bastante, a Paulo Plantier, o inextimavel serviço que elle acaba de prestar ás letras patrias.

SEMPRE RIJA !

Lavagem, limpeza, acção !
Eis como a vida prolongo,
Usando só p'ra tal meio
Do SABONETE DO CONGO !

Sabonaria Victor Vaisnier, em Paris.

AMIGOS INIMIGOS E INIMIGOS AMIGOS

Eu tremo, sinto-me em ancias
Na situação, que é bem critica,
Ao ver que átras circumstancias
Fazem lavrar discordancias
Nos arraiaes da politica !

E' mais que simples suspeita :
E' facto — e dos mais damnhos —
Que ha bulhas dentro da seita
— Não se entendem d'esta feita
Os *compadres chegadinhos*...

O Chagas, batendo o pé,
Contra os seus levanta o ralho ;
Dá tareias no Burnay,
Festejando em rapapé
O Cyrillo de Carvalho !

O Burnay — que em horas magas
Foi pãozinho de meleças —
Hoje em dia, a rogar pragas,
Desesp'rado, anda co' o Chagas
De candeias ás avessas !

Marianno, não contente
Co' os *amigos* inconstantes,
Diz hoje, da sua gente,
O que em frase eloquente,
Dos outros dizia d'antes.

E os *amigos*, derramados,
Pinchando quaes finos potros,
Trazem-lhe á balha os peccados
Que em tempos que vão passados
Eram pratinho dos outros...

Fuschini, que da dynastica
Era o pau da bujarrona,
Perde a febre entusiastica
E até, em frase sarcastica,
Larga piada ao Barjona !

E o Barjona, que em abraços
O recolhêra no aprisco,
Vendo-o seguir novos passos,
Resignado cruza os braços
— Na menção de S. Francisco...

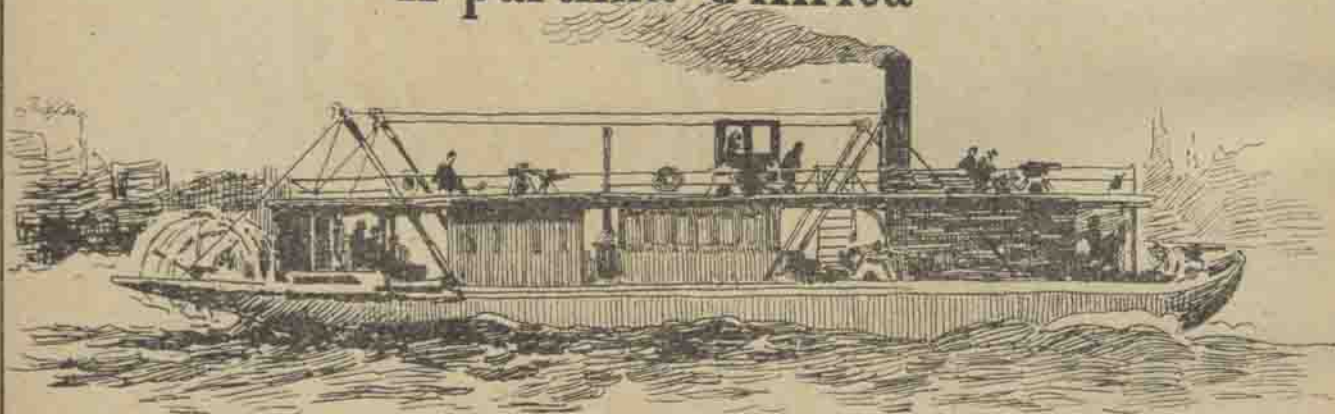
Vê-se, pois, não ser suspeita :
Ser facto — e dos mais damnhos —
Que anda desordem na seita
— Não se entendem d'esta feita
Os *compadres chegadinhos*...

Não se entender gente amiga !
Como a amizade se trunca !

Mas ha quem pense e quem diga
Que, no calor de tal briga,
Se *entendem* mais de que nunca...

PAN-TARANTULA.

A partilha d'Africa



O *Graphic*, jornal inglez, traz o desenho dos vapores, que nos estaleiros de Londres, mandou construir o governo Salisbury, para as travessias do Chire e do Zambeze. Ah! damos copia d'um d'esses barcos — O *Mosquito* — com a noticia de que o governo inglez nem sequer admite á discussão, os nossos direitos sobre a navegabilidade d'aquelles dois rios moçambicanos. As *negociações directas* do sr. Hintze, por força haviam de desembocar n'estes desastres.

O traga-novellas



Um fallador parlamentar de recente voga, o sr. Luciano Monteiro, que na Boa Hora aprendeu a palvrear sonoramente, propoz ha dias que fossem retirados os romances, das bibliothecas municipaes. Seria caso d'interrogar o moralista, sobre a ideia que elle faz dos romances, e sobre a natureza d'aquelles que tem lido, e lhe inspiraram tamanha antipathia. Desconfiamos que o homem, só com successo haja compulsado, o *Menino da Matta*, e as pornographias lorpas do Arsenio de Chatnay. O melhor é que, relatando estas prodigiosidades oratorias do sr. Luciano Monteiro, escreveram os jornaes que «se elle tiver a ambição, á altura do genio, contamos vel-o ir occupar uma pasta, muito breve.»

Pois occupe, occupe! Que a monarchia necessita, cada vez mais, de Gouvarinhos.

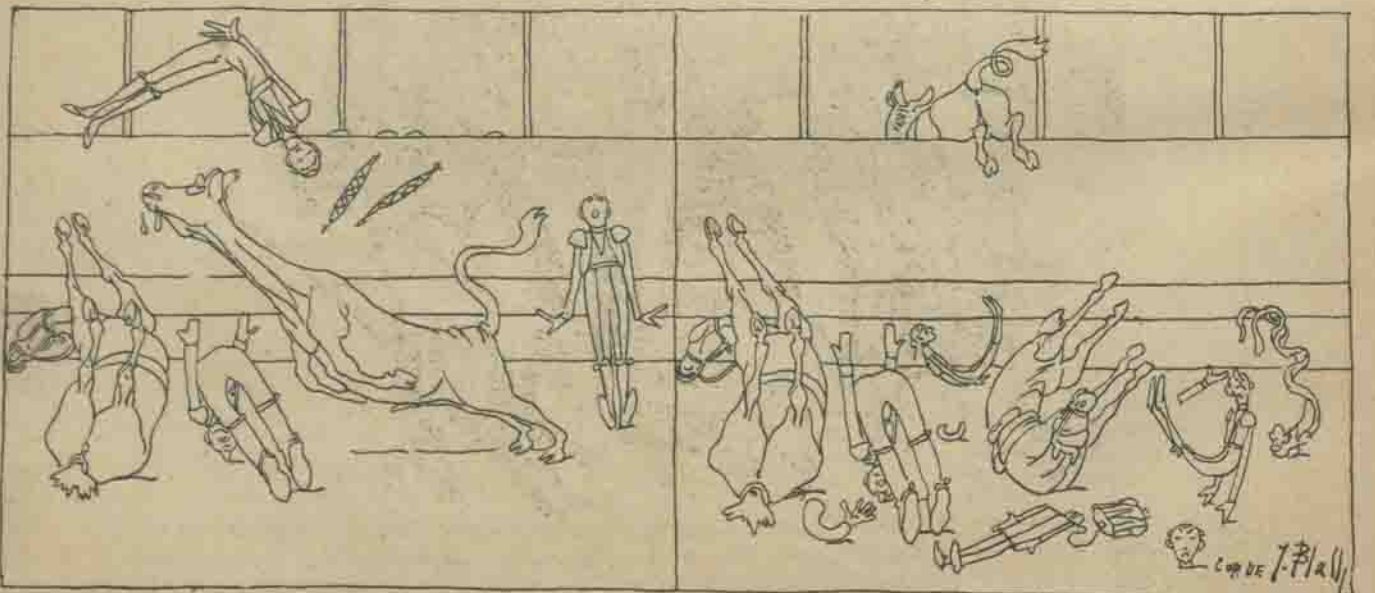
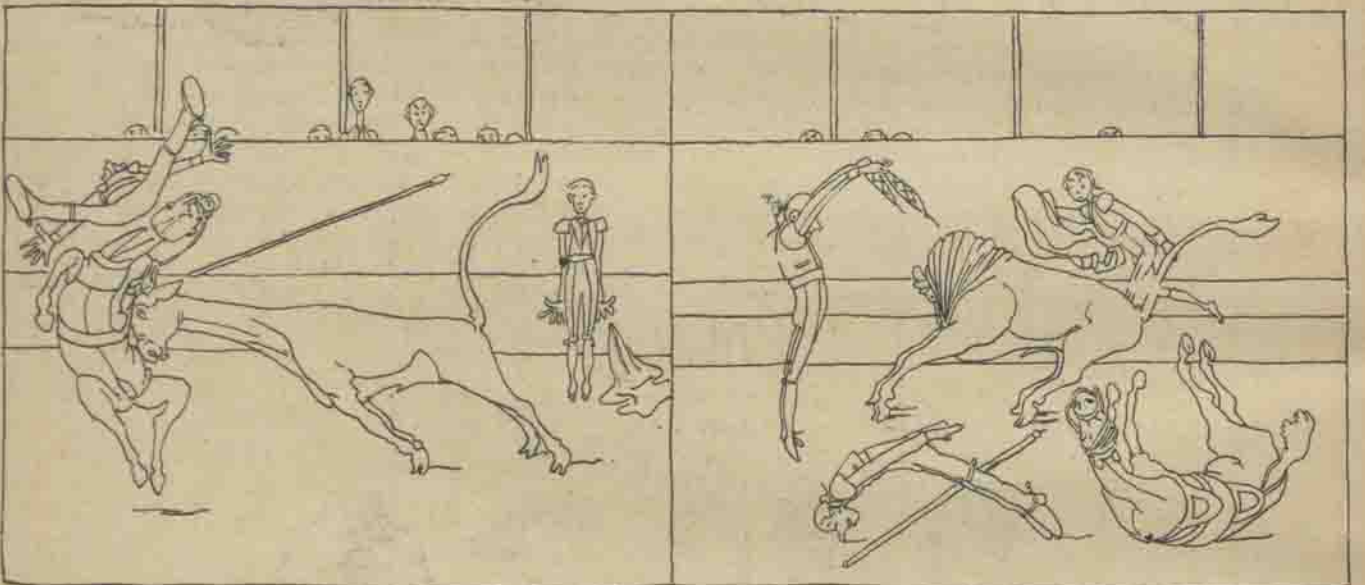
Colyseu



A pequena zarzuela em dois actos, LLAMADA Y TROPA, que actualmente se está cantando no Colyseu, além de ter uma musica viva e petulante, está cheia de situações comicas, magnificas. Todas as noites, o publico se delicia e diverte com a graciosa peça, talvez a melhor, que a companhia tem levado.

A victoria do touro

(EXTRAHIDO DO *Soleil da Dimanche*)



LOPE [Signature]